COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Invenção e Memória', de Lygia Fagundes Telles]

Adelto Gonçalves

Para citar este documento / To cite this document:

Adelto Gonçalves, "[Recensão crítica a 'Invenção e Memória', de Lygia Fagundes Telles]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 481-482.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Álvares de Azevedo, passa por Castro Alves e Cruz e Sousa e chega a um enigmático «velho Homero de província» que se acredita «o maior vate do planeta», único poema sem dedicatória neste livro repleto delas. Texto tão curioso quanto ácido nos seus propósitos. Note-se que nos dois sonetos de *Dispersos* — «Linguagens» e «Soneto das Luzes» —, já se anunciava aquele espírito jocoso e crítico dos poemas enfeixados em *Diga-se de passagem*, principalmente em «Remorso», «Notícia do Poeta» e «Sete Anos de Pastor». De maneira que o campo alusivo é vastíssimo, embora Secchin não se mantenha apenas nas alusões e paródias, uma vez que o seu espectro metafórico e temático se mostra igualmente vasto.

O A. é sobretudo um poeta de ritmos largos e variados, não raro se identificando com a família de imagistas fecundos como Joaquim Cardozo, Ferreira Gullar, Mário Faustino e Fernando Mendes Vianna. Assim, nos «Dez Sonetos da Circunstância», viaja-se do construtivismo algo barroco de «A Luz Maciça...» ao cristal lírico de «Com todo o Amor...», cápsula temática na qual o poeta é senhor da asa serena e ritmada da poesia. Das «Variações para Um Corpo», destaque-se o poema «Tela», a que não faltam o transbordamento imagístico e alguns toques surrealistas, na corda tensionada de um dos momentos mais fortes do livro: «Há mais amores mortos / do que araras nos jardins de Ohio. / Manhãs lambuzando de inverno / o tambor cardíaco dos trovões, / a serpentina farpada dos raios. / A mil metros de escuridão / uma anémona / vomita o oceano. / [...] / Desejos reprimidos / à toca retornam, coelhos. / Troca de olhares e de espelhos: / em capítulos a paixão fermenta / no tapete térmico dos ursos, / no abraço esquivo dos esquilos. / Eléctricas são as guelras, as vísceras, as penas. / Vista no ângulo da luz de Vénus, / pouco a pouco a Terra se torna / azul e quente como um poema.» (p. 46-7.) Em «Reunião» ou em «Autoria», a discreta genealogia familiar num subtilíssimo eco drummondiano, do Drummond de *Boitempo* e *Menino Antigo*, nas sendas do esquecer para lembrar. Quanto aos versos de «Paisagem» — «No mármore / o açúcar Pérola explode em dádiva. / [...] / Zumbem abelhas vesgas / na mesa onde o abacaxi / oferta sua flor feroz» (p. 63) —, como não sentir a presença anímica de um Gullar? Ainda dos aforismos é que vamos extrair a resposta: «herança não é apenas aquilo que recebemos, mas aquilo de que não conseguimos nos livrar» (p. 76). Mais uma prova de que a literatura é, entre outras coisas, diálogo.

André Seffrin

FICÇÃO

LYGIA FAGUNDES TELLES

INVENÇÃO E MEMÓRIA

Rio de Janeiro, Rocco / 2000

O título deste recente livro de Lygia Fagundes Telles resume, de maneira despretensiosa e directa, o respectivo conteúdo: *invenção*, segundo alguns filólogos, viria do latim *commentu*, que estaria também na origem das palavras conto e ficção; e *memória*, outra herança latina, designa a faculdade de reter impressões e factos de outros tempos.

Com a mestria da ficcionista experiente que é — este é o seu 13.° livro, o oitavo de contos —, Lygia Fagundes Telles repete uma fórmula que já lhe permitiu colher aplausos por obras igualmente bem concebidas como *A Noite Escura e mais Eu*, *A Estrutura da Bolha de Sabão*, *Seminário dos Ratos* e *Antes do Baile Verde*. São contos curtos, que fogem à estrutura tradicional e ficam a meio caminho entre a invenção e a memória, deixando o leitor sem saber se se trata de lembranças reais ou se são resultado da imaginação.

Mesmo o leitor paulistano — e conhecedor da existência de pessoas reais que tiveram (ou ainda têm) os nomes que aparecem às vezes nestes contos — sabe que é como se essas pessoas fossem por igual personagens de ficção.

Também romancista — com quatro romances publicados —, Lygia Fagundes Telles, uma das primeiras mulheres a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, já tem uma carreira consagrada, inclusive em Portugal, onde recebeu a comenda do Infante Dom Henrique, e em França, onde foi condecorada com a Ordem das Artes e das Letras. Em 1998, dois de seus livros foram traduzidos para francês — o de contos *A Noite Escura e mais Eu* (*La Nuit obscure et moi*) e o romance *As Horas Nuas* (*L'Heure nue*) —, e vários contos seus encontram-se incluídos em antologias publicadas naquele país, na Holanda e na República Checa.

Nascida em São Paulo, a Autora passou a infância em pequenas cidades do interior do Estado, onde o pai desempenhou funções públicas como a de promotor e delegado da polícia. Voltando a residir na capital paulista já adolescente, formou-se em Direito na Universidade de São Paulo — sendo assim igualmente uma das primeiras mulheres a frequentar a vetusta Faculdade do Largo de São Francisco — e em Educação Física. Ainda académica de Direito, publicou, em 1954, o romance *Ciranda de Pedra*, apontado pelo crítico Antonio

Candido como «o marco de sua maturidade intelectual». A escritora fizera outras incursões literárias, mas que rejeitou por considerá-las «imaturas e precipitadas».

Em *Invenção e Memória*, incluíram-se 15 contos inéditos, que reflectem, na sua maior parte, esses anos de imaturidade. Narradora intimista, com uma linguagem límpida e nervosa, Lygia evoca cenários de cidades do interior e estados de espírito da infância, adolescência e juventude, alguns em tom um tanto amargo, outros impregnados de fina ironia, mas sempre com o objectivo de retratar ou «congelar» no tempo um acontecimento passado em família.

Em todos os textos, o leitor é apanhado de surpresa pelo final enigmático, ficando na mão apenas uma semente de meditação ou mesmo de espanto diante da nova situação conhecida. As evocações da contista conseguem quase sempre transmitir uma certa emoção, ao captar o quotidiano e a vida pelos lados mais inesperados.

Em «Que Se Chama Solidão» e «Suicídio na Granja», que abrem o livro, e ainda em «O Menino e o Velho», dá-se o encontro da infância com a morte — um tema recorrente na obra da Autora. No primeiro, a morte de uma empregada em consequência de um aborto mal sucedido; no segundo, o suicídio de um velho fazendeiro que, desgostoso com a vida, se atira ao rio com o bolso cheio de pedras; e no terceiro, o trágico enforcamento de um velho homossexual por um menino de rua na própria casa da vítima.

«Dança com o Anjo» e «Heffman» reproduzem fragmentos do estilo de vida da juventude dourada de uma São Paulo dos anos 50, recordações dos tempos de universitária da contista. Em «Rua Sabará, 400», a escritora rememora a época ainda recente em que viveu com o segundo marido, o ensaísta e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, quando ambos aceitaram o convite de um cineasta para escrever um roteiro baseado no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Em todos estes e nos demais contos que completam o livro, Lygia Fagundes Telles não admite barreiras entre a palavra escrita e a oral. A sua linguagem vem-se desbastando a cada nova experiência, tornando a escrita cada vez mais enxuta e económica, chegando mesmo, por vezes, a dispensar sinais gráficos convencionais, como os travessões para o início da fala das personagens, embutindo as frases do diálogo no texto corrido, à semelhança de José Saramago ou de António Lobo Antunes.

Por isso, os seus textos conquistam o leitor com aquela força extraordinária que se tem renovado a cada livro.

Adelto Gonçalves

RUBEM FONSECA

PEQUENAS CRIATURAS

São Paulo, Companhia das Letras / 2002

Desde o livro de estreia, *Os Prisioneiros* (1963), que Rubem Fonseca vem imprimindo uma marca registada na literatura brasileira actual. Com dezanove títulos publicados, entre contos e romances, notabilizou-se pela ficção avessa aos barroquismos de ocasião e aos apelos poéticos, vazada em linguagem directa, seca, às vezes mesmo brutal. Essas características, aliadas à opção de retratar o submundo dos marginais, determinam o modo de ser das suas narrativas curtas, mais especificamente em livros como *A Coleira do Cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *Feliz Ano Novo* (1975), *O Cobrador* (1979). Contudo, em romances como *A Grande Arte* (1983) e *Bufo & Spallanzani* (1986), o escritor procurou expandir esse universo sombrio, mas contido, com enredos surpreendentes e muito mais complexos, sempre recorrendo à linguagem sóbria e objectiva. Rubem Fonseca soube como nenhum outro escritor brasileiro criar uma dicção própria e uma concepção do mundo que de certo modo rema contra a corrente; ou seja, opõe-se à tendência muito comum no Brasil de privilegiar a cor local e os idiolectos, e constrói um universo aparentemente anódino e inexpressivo, numa linguagem desapaixonada e impessoal, permeada pela ironia ou por um humor a raiar o macabro.

Este último livro de contos, *Pequenas Criaturas*, dá continuidade a uma visão desesperançada do homem e a certas soluções estilísticas, onde se plasma o melhor do Autor. Isto porque o lado policialesco, do submundo, da escória dos livros anteriores, cede lugar ao anódino de criaturas comuns, cujos sonhos, vontades, desejos, são de curtíssimo espectro. Se em toda a sua ficção o A. primou pela atmosfera cinzenta, na qual transitavam criaturas movidas pelo ódio e pela crueldade, em *Pequenas Criaturas*, tais características, mediadas pela ironia, tornam-se mais agudas, na medida em que o propósito é retratar um mundo absolutamente desprovido de transcendência. Tal efeito dá-se pela escolha criteriosa das personagens, concebidas como «pequenas criaturas», pela demonstração impiedosa dos seus ridículos sonhos e pelo domínio absoluto dos recursos da linguagem, sobretudo nos diálogos, que habilmente marcam mais os desencontros que os encontros.

Considerando ao acaso algumas das narrativas de *Pequenas Criaturas*, não é difícil verificar a perfeita homologia entre estes «mirmidões» sociais e uma concepção de mundo